

*Contos
Macabros
&
Histórias
Sinistras*

Por Gustavo Ferreira

Polly

Ruth já era mocinha quando decidiu se desfazer de suas bonecas.

Ela separou uma caixa para as doações. Queria entregar tudo antes do fim daquele dia. Colocou a cozinha de brinquedo, a banheirinha, pazinhas e garfinhos, uma caixa de sapatos cheia de roupas.

Em um saco grande, foram todos seus brinquedos sonoros: pianinhos, flautas, caixinhas de música, apitos, enfeites e piscapiscas. Aquelas musiquinhas eram a alegria de bebês e crianças, mas para os adultos era uma tortura. E Ruth já era quase adulta.

Em outra sacola foram depositados os bonecos de pelúcia. Ursos e coelhos eram os mais comuns, mas também havia girafa, camelo, arraia e baleia. Nada ficaria no seu quarto de adolescente, afinal agora era hora de se preparar para o ENEM, para escolher uma profissão.

Os brinquedos dariam lugar a livros e apostilas, mas também a tablets, celulares, notebook.

Embora fosse ter tempo de descanso entre uma matéria e outra, entre uma fórmula de bhaskara e um pretérito perfeito do subjuntivo, esse intervalo seria para as paqueras, fofocas e vídeos no Tik Tok.

Infância que vai, responsabilidade que vem. E era sua obrigação arrumar o quarto agora. Afinal, o que as amigas diriam para uma

adolescente se vissem brinquedos e bichinhos espalhados sobre a mesa.

A igreja do bairro faria uma quermesse em breve, aqueles brinquedos todos poderiam servir às outras crianças.

E, na pior das hipóteses, a lixeira.

É, Ruth pensava, a vida de adulto é dura, cinza, responsável. A imaginação das crianças dava lugar às cobranças da vida.

Quase tudo separado. Só faltava a Polly. Polly era uma boneca de porcelana, que utilizava um vestido vinho e rosa, com um véu, outrora branco, mas agora encardido, por debaixo da saia.

Os cabelos negros já não eram tão lisos, e até lhe faltava um chumaço de fios.

Grandes olhos azuis e uma boca bem vermelha completava a face, já desgastada pelo tempo...

Pelo tempo e pelas milhões de aventuras.

Por um instante, Ruth olhou para Polly, e lhe veio à mente a ocasião em que ganhara a boneca.

Ruth tinha visto a Polly em uma loja no shopping, e insistiu para que sua mãe lhe desse. Mamãe disse que não, mas sugeriu à garotinha a escrever para o Papai Noel e pedir o brinquedo.

Foi um natal mágico, abrir a caixa e encontrar a Polly ali, sorrindo para ela.

As duas passearam por campos e praias, se esconderam no armário diversas vezes, iam às

compras, à casa das avós e dormiam abraçadinhas.

Ruth sempre beijava Polly antes de dormir e dizia que era sua melhor amiga, e que ficariam juntas para sempre.

Mas agora Ruth sabia que Polly não era um presente do Papai Noel.

Aliás, mesmo que o bom velhinho existisse Ruth era quase adulta e boneca era coisa de criança.

Correr e brincar era para os pirralhos dos seus primos, ela queria dançar e paquerar. E o que suas paqueras pensariam dela se vissem uma boneca de porcelana desgastada pelas aventuras da infância depositada em sua cama?

Ruth sequer se despediu: enfiou Polly fundo na caixa, e levou tudo para a Igreja.

Ao pôr-do-sol aquele seu mundo de imaginação foi entregue na secretaria da paróquia.

- Tem alguma coisa que queira conferir, Ruth?

Após a pergunta de Dona Margaria, a garota pensou em procurar, algo, mas não havia mais apego algum a tudo que estava lá. Aquilo era coisa de criança.

Ruth virou às costas e foi embora. Ela tinha que se aprontar agora, afinal, quando seus pais chegassem em casa ela sairia com as amigas para um baile Funk.

Ao chegar em casa, o celular de Ruth toca.
Número desconhecido.

- Alô?
- Alô, Ruth?
- Sim
- Aqui é a Polly, eu estou jogada em uma caixa agora.
- Polly?

O telefone desligou.

Ruth teve um certo receio. Quem teria uma voz infantil daquelas para lhe dar um trote? Afinal, a única Polly que conhecia era sua boneca, mas bonecas não fala.

Ruth tomou banho e foi se aprontar.

O telefone tocou. Devia ser Camila apressando a amiga.

- Alô?
- Alô, Ruth?
- Sim
- Aqui é a Polly, eu estou saindo da paróquia agora.

O telefone desligou.

Ruth acendeu as luzes da casa.

Quem teria visto ela levando os brinquedos para a escola? Talvez Túlio, o vizinho da frente, tivesse seguido Ruth até a igreja e agora pregava-lhe aquela peça.

Túlio, seu idiota!

Após esbravejar sozinha, Ruth foi se maquiar. Aquele menino que havia sido um de seus melhores amigos na infância ainda era um moleque, ela não queria saber mais dele.

O telefone tocou novamente:

- Olha aqui, Túlio, deixa de ser moleque!
- Túlio? Não, Ruth. Aqui é a Polly, eu estou chegando na esquina.

O telefone desligou.

Ruth se sobressaiu. Achou melhor conferir se portas e janelas estavam trancadas. enquanto andava pela casa, ligou para sua mãe:

- Mãe, vocês estão chegando?
- Sim, minha filha, por que? Aconteceu alguma coisa?
- Não, nada não. É que as meninas estão me apressando aqui. Não demora, tá?

O telefone desligou.

Ruth foi se maquiar. Passou base, lápis no olhos, jogou um pouco de glitter para um brilho, e pegou o batom vermelho. Ela iria arrasar.

O telefone tocou:

- Alô, quem é?
- Oi, Ruth, aqui é a Polly. Estou na porta da sua casa!

O telefone desligou.

Um jorro de adrenalina inundou os sentidos de Ruth. Coração acelerado, pupilas dilatadas, pelos eriçados.

Ela correu para a porta. Estava trancada.

Ruth olhou por debaixo, pela fresta, mas não viu nada.

Ela pegou um cabo de vassoura, abriu a porta e...nada.

- Quem tá fazendo isso? Para com essa brincadeira, eu não sou mais criança!

Ruth bateu a porta e trancou. Conferiu todas as janelas novamente. Tudo trancado.

A garota voltou ao seu quarto, devia estar imaginando.

Pegou seu perfume 212 Carolina Herrera. Ela queria inebriar os sentidos dos rapazes naquela noite.

O telefone tocou:

- Para, por que você tá fazendo isso?
- Você disse que era minha melhor amiga, que não me deixaria jamais. Você prometeu.
- Quem tá falando?
- É a Polly.
- Tá bom, desculpa, me perdoa. Onde você tá?
- Atrás de você!

O telefone desligou.

Os pais de Ruth chegaram em casa.

Tudo trancado, todas as luzes acesas.

A mãe de Ruth chamou, ela não respondeu.

Subiu até o quarto.

Um líquido viscoso manchava chão e paredes.

Sobre a cama, uma caixa. Lá dentro, o corpo mutilado de Ruth.

Sueli

Diziam que lá pros lados de Araújo, em um povoado chamado Canjica, coisas estranhas aconteciam.

O pequeno povoado não possuía mais que 20 casas, a maioria delas ao redor de uma pequena capela.

A venda do Dudu era o único comércio ali, onde se comprava de tudo: de Pon Chic a ferramentas, de carne a água sanitária.

e era também lá na venda do Dudu que as histórias eram contadas.

Sueli, uma beata local, dizia aos mais novos que quando alguém morria sem ter recebido os devidos sacramentos da igreja seu corpo não entraria em decomposição, e que a alma ficaria presa entre o céu e a terra: ele se tornaria um corpo-seco.

Os corpos-secos, segundo Sueli, seriam corpos cadavéricos animados por uma alma atormentada. Além da pele, que ficava grudada aos ossos, como uma uva passa, as unhas e cabelos do falecido cresciam muito, e o corpo exalava um forte cheiro de podridão.

Eles seriam seres malignos que vagariam por aquelas bandas durante as noites frias, buscando carne fresca para se alimentarem e aplacar um pouco do seu próprio sofrimento.

Essas histórias colocavam pânico nas crianças, e os mais velhos tinham certo temor quando o sereno caía mais cedo e o sol se

punha, mas os jovens...ah, os jovens. Esses zombavam de dona Sueli e seus corpos-secos. Especialmente os irmãos Clessio e Cleiton. Em uma noite fria de Junho, após tomarem um Pon Chic e comerem um pão com mortadela na venda do Dudu, os dois irmãos decidiram explorar a cidade.

Sueli foi à igreja, do outro lado da via, e avisou:

- Hoje está frio, vocês deviam vir à igreja.
- Hoje não, dona. Vamos ver a lua.
- Cuidado, mininu. Tem unhudo por aí.
- Unhudo?
- É, uai...corpo-seco.
- O dona, isso não existe. Corpo-seco só o seu.

Zombando de Sueli, os dois se foram.

Equipados com lanternas, eles saíram da praça central, caminhando por uma pequena estrada vicinal que passava atrás da venda.

As luzes do povoado foram ficando para trás, e apenas uma ou outra casa tinha uma iluminação ali próxima.

O sereno caía fino, umedecendo as vestes dos rapazes.

Eles ouviram um mugido fraco de um garrote vindo do pasto, adiante, e resolveram pular a cerca de arame farpado para investigar.

Usavam o foco das lanternas para tentarem achar o animal, que parecia estar doente ou ferido.

Por fim, avistaram o animal caído bem rente a uma moita. O bezerro dava alguns espasmos, mas não conseguia se levantar.

Estaria preso a um arame?

Teria sido picado por uma cascavel?

Ao contornarem o corpo e focarem os feixes de luz na moita adjacente ao gado foi possível avistarem unhas compridas como navalhas rasgando o couro do animal.

Membros compridos, disformes e esquálidos se moviam ferozmente, levando nacos de carne bovina para uma boca sem lábios com presas pontiagudas.

Olhos vermelhos como brasas os fitavam.

Era um corpo-seco.

Os garotos começaram a correr, em pânico.

O corpo cadavérico em seu encaicho.

Eles corriam pelo pasto, tropeçando aqui e acolá em buracos, tocos de árvores. Desviavam de cupinzeiros, mas o unhudo estava cada vez mais próximo.

Chegando próximos a cerca, Cléssio saltou por cima, mas as pernas ficaram penduradas no arame farpado.

Cleiton deu um carrinho por baixo, rasgando sua roupa, na tentativa de escapar do monstro. Quando o fim parecia próximo, surgiu, na estrada, Sueli, portando seu pequeno terço de madeira.

Uma tênue aura luminosa brotou do crucifixo empunhado com fervor.

O corpo-seco deu um guincho de dor.

Sueli recitou o “Canto de Verônica”:

- *O vos omnes*
Qui transitis per viam,
Attendite, et videte
Si est dolor similis sicut dolor meus

Com um gemido de dor, o corpo-seco se recolheu, retorceu deitado ao chão, até se desfazer em pó.

Os irmãos se abraçaram, depois abraçaram dona Sueli, e choraram de tanto alívio.

Ambos foram para o seminário no dia seguinte.

Dona Sueli ainda oferta suas preces na capela do Canjica.

Desconhecido

Fiquei em casa sozinho, no bairro Sagrada Família, em Belo Horizonte, enquanto minha família estava toda viajando para o interior.

Estava estudando para o vestibular.

Era um sábado à noite, escuro e sombrio, como eu nunca tinha visto assim.

Corri até a padaria na rua São Luiz, peguei um pão com mortadela e voltei para a solidão da residência.

Estava tudo silencioso, um silêncio tão pesado que podia ser cortado com uma faca.

De repente, ouço um som sinistro, desconhecido, ressoando pela casa. Pensei que poderia ser alguma fresta de alguma janela ou da porta da cozinha, um rufo solto no telhado, os galhos da árvore farfalhando, mas nunca tinha ouvido aquele barulho, em anos morando naquela casa. além disso, o som parecia vir de todos os lugares ao mesmo tempo.

Eu comecei a sentir meu coração acelerar. Um calafrio percorreu meu corpo. Minhas mãos ficaram trêmulas. tentei me convencer de que era apenas a minha imaginação.

Comecei a andar pelo corredor, em busca da fonte do som, cada vez mais alto, entretanto, quando eu chegava em um cômodo, o som parava por ali, e surgia em outro local.

Tinha certeza de que a luz do corredor estava acesa, todavia, ao olhar em direção à cozinha eu encontrei apenas sombra e escuridão.

Repentinamente senti algo envolvendo meu tornozelo e me puxando para baixo.

Desequilibrei-me e caí estatelado no chão. Uma onda de dor e desespero se apossaram da minha cabeça.

Olhei para cima, ainda confuso pela batida no solo, e vi algo se movendo em minha direção.

Era uma forma escura e indistinta, que parecia se contorcer e esticar, em todas as direções.

Ora tentáculos, ora garras.

Eu tentei me afastar , entretanto parecia que alguma coisa me pressionava no chão. Estava preso, esmagado, diante do desconhecido. E aquele som estranho havia aumentado, sufocando meu grito de terror em minha garganta seca.

Eu senti o hálito quente em meu rosto, proveniente de uma aterradora presença.

Tentava gritar, pedir por ajuda, mas o som não saía de meus lábios, como se o próprio ar tivesse fugido de medo daquela presença.

Ademais, pediria ajuda a quem? Não havia ninguém por perto, nenhuma mão amiga poderia me socorrer.

Tudo ficou escuro, o chão estava úmido e pegajoso. eu sentia um cheiro de mofo e de decomposição.

Estava cercado pelo desconhecido, sem esperança de sair dali.

Era o fim.

Dias e dias intermináveis se passaram, a fome apertando, e o desconhecido me sufocando, e eu perdendo, cada vez mais, um pouco da minha sanidade.

Não.

Não podia ser o fim, não daquele jeito.

Em um último esforço, contraindo todos os músculos do corpo, consegui me erguer e me arrastar para fora daquele túmulo.

Estava no corredor da casa, o livro de biologia em uma das mãos.

O vento soprava lá fora, e o cachorro latia para qualquer coisa. Não havia presença aterradora, não havia barulho desconhecido.

Até hoje não sei o que realmente aconteceu naquele sábado.

Teria sido um pesadelo, alucinação, cansaço pelos estudos?

Teria sido uma experiência real? Um contato com o sobrenatural?

O que sobrou daquele dia foi apenas a lembrança desconfortante do desconhecido, me acompanhando e me atormentando, me deixando perturbado com o que possa estar escondido nas sombras.

Serra do Caraça

Encravada nas montanhas de Minas Gerais, fazendo parte da Cordilheira do Espinhaço, está localizada a Serra do Caraça. Este nome decorre da formação rochosa que mais parece a face de um gigante que estaria a contemplar a eternidade em seu leito de mata e névoa.

E, bem na Serra, envolto na natureza, o homem ergueu o santuário de Nossa Senhora Mãe dos Homens, mais conhecido como Santuário do Caraça.

Ele foi construído a partir de 1770 por um homem da igreja, irmão Lourenço, para favorecer o encontro com Deus.

Irmão Lourenço escolheu um lugar de natureza selvagem e exuberante, de águas límpidas e cristalinas para fazer seu porto seguro a peregrinos na nova terra. Ali certamente as orações seriam ouvidas. O que o homem de fé não sabia era que a ação do homem, ali, naquela mata virgem, despertaria algo adormecido na selva.

Séculos se passaram desde a ação do irmão Lourenço. Os padres da Ordem dos Carmelitas ocupavam o monastério.

Em certa noite de lua cheia, um casal resolveu pernoitar ali.

Após a refeição, um dos homens de Deus veio à mesa do casal.

- Já é tarde. Vamos apagar as luzes.

- OK, padre. Não temos medo do escuro. Na verdade, vamos dar uma volta no jardim aqui na frente. Está uma noite linda.
- Mas é noite de lua cheia. Os lobos vêm!
- Lobo? Lobo-guará? Sou biólogo, senhor. E, pra início de conversa, lobo-guará é do gênero *Chrysocyon*, enquanto os lobos de verdade são do gênero *Canis*.
- Calma, amor. O padre só estava dizendo que ia apagar as luzes...
- Meu senhor, nós estamos aqui, mas essas terras pertencem à natureza, aos lobos...
- Vamos dar uma volta e depois voltamos ao quarto.
- Como quiserem. Rezarei por vocês.

Dizendo isso, o beato se afastou, tomando rumo ignorado.

O casal levantou-se. O rapaz levava a garrafa de vinho consigo. Aquilo ajudaria a manter o frio distante enquanto eles passeavam ao ar livre.

Lá fora, após acharem um cantinho escuro e aconchegante, o casal decidiu se aventurar mais ousadamente, começando uma leve fornicação, tendo apenas a lua como testemunha.

De repente, eles ouviram um uivo aterrorizante, seguido de um grito que parecia vir do convento.

- O que foi isso?
- Certamente aquele padre está querendo nos pregar uma peça.

Outro uivo, mais próximo.

Eles tentaram se acalmar, pensando que deveria ser apenas imaginação, mas os sons continuavam.

Com medo, a garota quis se aproximar do convento para ver o que estava acontecendo. Quando chegou perto, viu algo que a deixou paralisada: os padres estavam se transformando em lobos.

Por isso os lobos-guará tanto respeitavam aquele espaço, e por isso os padres conseguiram dominar a fauna local.

E, após se despir dos hábitos, os sacerdotes ali, já com seus corpos cobertos de enormes pêlos escuros, farejam o ar.

Farejavam, até que um deles olhou em direção à fonte.

A garota soltou um gritinho, enquanto seu namorado tapava-lhe a boca.

Com sede de sangue, a alcateia de padres lobisomens correu pelo pátio do Caraça, indo em direção ao casal.

Eles correram, fugindo para a trilha da cachoeira Cascatota. Esse caminho ia em direção à mata atlântica, circundado por altas árvores. Em dado momento a trilha começou a ficar acidentada, e a garota torceu o pé em uma pedra.

- Levanta.

- Ai, amor. Não consigo.
- Levanta. Anda logo.

O rapaz puxava a garota, mas a dor estava demais. Eles já conseguiam ouvir a queda d'água, mas a lua cheia, envolta em nuvens carregadas, não conseguia iluminar o poço formado ali.

De repente a folhagem das árvores se mexe ao lado deles.

Um enorme padre licantropo salta sobre o rapaz e, com uma mordida certa, arranca-lhe a jugular.

Um banho de sangue quente jorrou sobre a garota, que gritava em pânico.

Logo, o grito dela é silenciado por uma garra que abriu seu ventre, expondo suas vísceras.

O restante da alcateia chegou ao local, e uma luta pelos maiores e mais macios pedaços de carne teve início, e se prolongou até que cada um dos membros da ordem religiosa ali tivesse saciada sua sede de sangue humano.

Os corpos dilacerados do casal rapidamente foram mastigados pelas potentes mandíbulas dos padres. Tendões e ossos se rompiam e eram engolidos naquela fúria faminta.

Enquanto isso, lá no meio da mata, pares de olhos de uma matilha de lobos-guará olhavam, assustados, a ferocidade dos homens.

Guanabara

Era um mês de maio frio e escuro em Belo Horizonte.

Em frente à lagoa da Pampulha, o parque Guanabara havia acabado de apagar as luzes e fechar as portas.

Alguns garotos tinham se esgueirado para o interior do cinema 6D, se escondendo, para se divertirem à vontade logo mais.

O silêncio pairava sobre a Lagarta, o Cataclisma, o Sky Fall, o Twist.

Um ou outro veículo passava pela avenida Otacílio Negrão de Lima, disputando a quebra daquele enervante silêncio com o vento, que arrastava os restos de folhas, papéis e de um tristonho balão murcho pelo chão.

Eis que, repentinamente, uma risada sinistra irrompeu a noite. O histérico som, oriundo dos rincões do Trem Fantasma, ecoou nas imediações, chegando até a trincar um vidro de uma janela ali próxima.

Em seguida as luzes piscaram, o semáforo ali em frente entrou em modo flash, e os postes de iluminação pública se apagaram.

Os garotos se assustaram com aquela risada. Um suor frio escorreu de Caio, enquanto Francisco apenas tapava os ouvidos. Michele deu um gritinho, contido pela mão de Ana.

Eles estavam muito desconfortáveis. Não sabiam que aquele local, cheio de encanto e